

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI CA

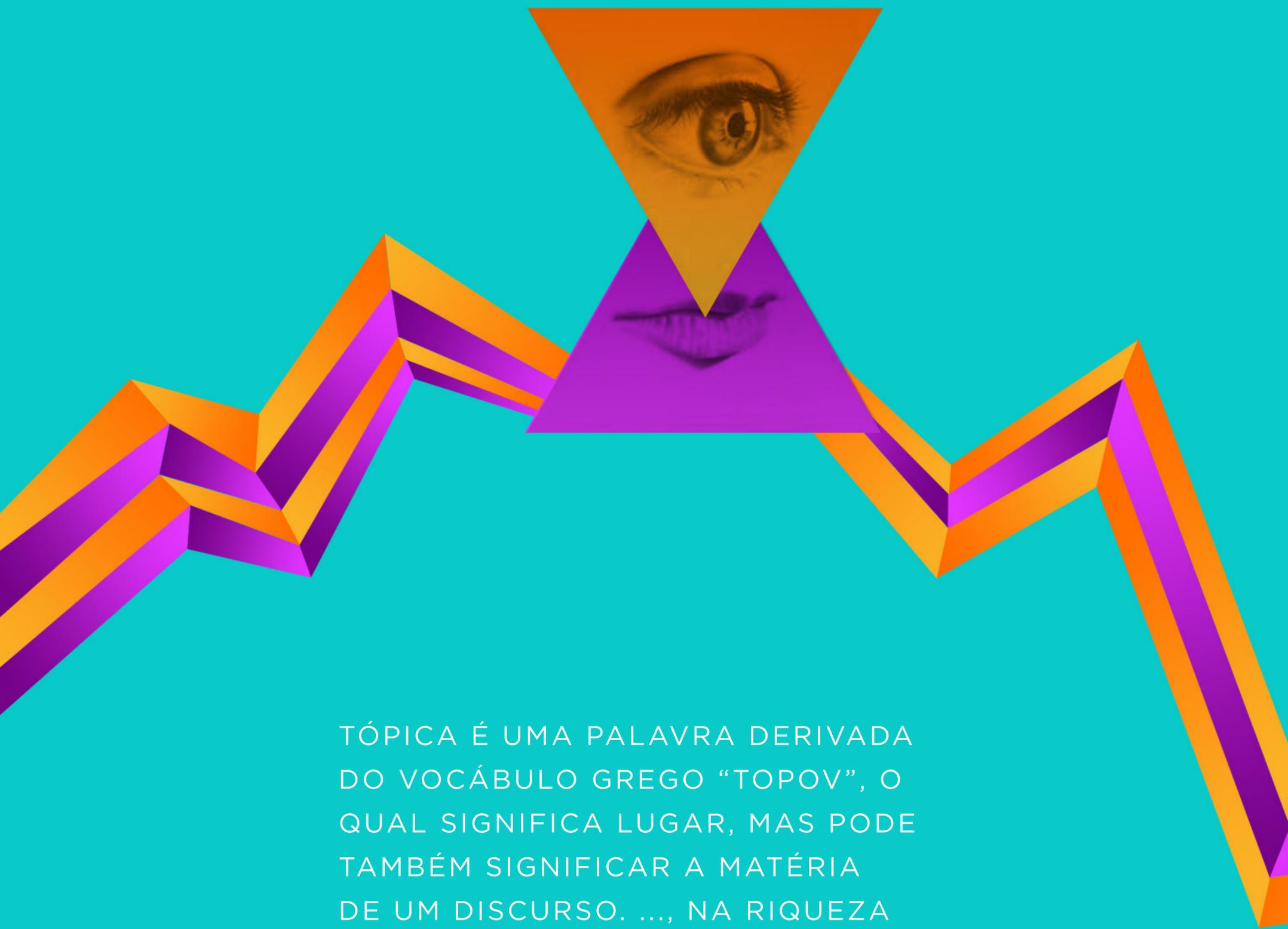


N. 8

ANO 8
NOVEMBRO.2013
MACEIÓ.AL
BRASIL

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992



TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “TOPOV”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

TESOUREIRA

Maria Edna Melo Silva

SECRETÁRIO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
CIENTÍFICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Maria Edna de Melo Silva

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

Stella Maris Souza da Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Michel Rios

CAPA

Michel Rios e Luísa Estanislau

REVISÃO

Fernanda B. B. Alves Pinto

Lígia D'Alva

Sidney Wanderley

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do
Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL)

Parque Gonçalves Lêdo, 47, Farol -

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

gpalmaceio@hotmail.com

www.gpal.com.br

CAMINHAR É PRECISO!

Reflexões filosóficas
sobre a esperança e
suas ressonâncias sobre
a clínica psicanalítica

A esperança é o horizonte.

O desespero é o muro.

E a vida é o horizonte além do muro.

Daniel Lima

ZEFERINO ROCHA

Mestre em Filosofia e teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma - Itália (1948-1952);
Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris X - França (1973); professor titular aposentado no
Departamento de Psicologia da UFPE e atualmente é professor no Programa de Pós-Graduação (Mes-
trado e Doutorado) em Psicologia Clínica da Universidade Católica de PE e é membro fundador e sócio
honorário do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

INTRODUÇÃO

Os psicólogos e psicanalistas, em geral, não privilegiam em suas pesquisas o estudo da esperança e, com mais frequência, se preocupam e discutem o desamparo e o desespero. Por isso, o convite que me fizeram os meus amigos do GPAL para que eu lhes falasse sobre a esperança, se, por um lado, muito me honra e é motivo de grande alegria, por outro, não deixa de ser um desafio. De fato, nunca foi tão fácil, e ao mesmo tempo tão difícil, falar sobre a esperança, como neste momento do nosso acontecer histórico em que estamos vivendo um clima cultural fortemente marcado pela desesperança e pelo desamparo, pois nele as nossas referências essenciais estão rapidamente se apagando.

E como o tema da esperança pode ser abordado e discutido sob pontos de vista os mais diversos e em registros epistemológicos muito diferentes, vou, desde o início da conferência definir o objetivo que me proponho e o roteiro que desejo percorrer para consegui-lo.

OBJETIVO E ROTEIRO

Em nossa Cultura Ocidental, o discurso sobre a esperança quase sempre é proferido em uma perspectiva religiosa e versa sobre aquela virtude, que, juntamente com a fé e a caridade, forma a tríade das chamadas

virtudes teologais. E não é de estranhar que assim o seja, porquanto foi a tradição bíblico-cristã que mais enalteceu e deu um lugar de destaque à virtude da Esperança na formação da consciência religiosa do povo cristão. Sua conceituação teológica, elaborada desde a Idade Patrística, tanto grega quanto latina, tornou-se um dos fundamentos da formação religiosa que tanto marcou o espírito de nossa Cultura Ocidental.

Pois bem, a temática da esperança, enquanto eu saiba, não conheceu tamanho destaque na Tradição Filosófica do Ocidente e os filósofos gregos muito pouco sobre ela escreveram. De fato, não existia espaço para uma filosofia da esperança nos quadros de uma filosofia cuja *Visão de Mundo* era profundamente marcada pela concepção cíclica do tempo, na qual dominavam soberanas as Moiras, vale dizer, as deusas do Destino, às quais até os deuses eram submissos. O próprio Aristóteles, quando, na *Ética a Nicômaco*, ressaltou as virtudes noéticas, dianoéticas e políticas, não dedicou à esperança

um estudo tão minucioso e sistemático, como o fez com as virtudes da prudência, da justiça e da amizade. Os textos gregos que mais falam sobre a esperança são os textos sagrados, aqueles referentes ao culto dos mistérios e ao culto dos mortos.

Com o advento do Cristianismo, a virtude da Esperança adquiriu um novo estatuto teórico, no momento em que foi contextualizada nas coordenadas de uma nova Visão de Mundo, eminentemente teocêntrica e inserida em uma nova concepção do Tempo e da História. Para os cristãos, a História humana é a própria História da Salvação, que teve um começo (a Criação), um ápice (a Encarnação e a Redenção) e terá um fim (a felicidade eterna na Jerusalém Celeste). Na dinâmica dessa História, a Esperança é a força espiritual que anima a grande caminhada do Povo de Deus pelas estradas do tempo até a Eternidade.

Todavia, o objetivo desta minha conferência não é refletir sobre a Esperança numa perspectiva religiosa e cristã, pois minhas reflexões serão desenvolvidas em dois registros epistemológicos diferentes e complementares: o

filosófico e o psicanalítico. Articulando esses dois registros, intenciono, à luz do que nos dizem o filósofo Heráclito de Éfeso no século VI a.C. e o filósofo Martin Heidegger no século XX d.C., mostrar como a esperança é um elemento constitutivo da existência e tem um papel decisivo na dinâmica da temporalidade humana. Em seguida, desejo indicar como as reflexões filosóficas sobre a esperança podem igualmente nos ajudar a ter uma melhor compreensão do trabalho terapêutico em geral e da clínica psicanalítica em particular, sobretudo com aquela categoria de clientes que Luís Cláudio Figueiredo chamou de *pacientes sem esperança*¹. Definidos, assim, o objetivo e o roteiro da conferência, passo a desenvolver a sua primeira parte.

PRIMEIRA PARTE: REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE A ESPERANÇA

UMA HERANÇA HERACLITIANA

As reflexões filosóficas sobre a esperança, que iremos fazer agora, têm seu ponto de partida na leitura e no comentário dos fragmentos 18 e 27 do *pensador originário* Heráclito de Éfeso. Esses fragmentos datam do século VI a.C., vale dizer, remetem-nos à aurora do pensamento filosófico na Grécia Arcaica. No fragmento 18, o filósofo adverte: “*Se não se espera, não se encontrará o inesperado, pois ele não é encontrável e é sem acesso*” e, de modo não menos enigmático, o fragmento 27 anuncia: “*Aguardam os mortais ao morrerem, o que não esperam nem conjecturam*”².

Sem sombra de dúvida, estes dois fragmentos, tais como chegaram até nós, são muito obscuros. Eles, no entanto, são perfeitamente adequados à visão de Mundo do

filósofo Heráclito de Éfeso. Pelos seus próprios contemporâneos, o filósofo de Éfeso foi denominado de “*ho skoteinós*”, que significa o *obscuro*, porque seu discurso era feito de enigmas e de contradições.

A esse propósito, Heidegger ressalta que na sua obscuridade heraclitiana brilha uma luz, semelhante ao clarão dos relâmpagos, que rasgam o céu nas noites de tempestade. Nessas noites, o que estava escondido na escuridão, é momentaneamente revelado pelo clarão do relâmpago. Todavia, quando a luz deste se apaga, o que foi revelado, volta de novo a ocultar-se no silêncio e na escuridão da noite.

E o que nos diz o Fragmento 18? Na sua linguagem enigmática, ele diz que “*quando não se espera, não se encontra o*

2 _____
Hermann Diels.
Die Fragmente der Vorsokratiker.
Rowohlt Hamburg, 1957, p.25.

inesperado”. O que, segundo penso, quer dizer: Quando não se espera, não se encontra nem o que se pode esperar, nem, muito menos, o que não se está mais esperando, porque, nesse caso, todas as portas da alma estão fechadas à possibilidade de qualquer encontro. Ora, só quando existe abertura interior da alma e do coração naquele que espera, o esperado e o inesperado podem acontecer. Só vê acontecer o que espera e, mais ainda, o que não mais espera, quem interiormente se conserva aberto na atitude da esperança, não obstante todas as dificuldades que possam existir durante o tempo da espera.

Mas não termina aí a obscuridade do discurso de Heráclito, pois admitindo que, quando se espera, o esperado e até o inesperado acontecem, o filósofo acrescenta que, mesmo quando acontece, o esperado *não é encontrável e é sem acesso*, porque não existem caminhos que nos levem até ele.

Dizendo isso, de modo bastante enigmático, o filósofo de Éfeso nos convida a refletir sobre a natureza da esperança. E o que se deve entender por esperança e qual a sua natureza? Ela não deve ser

concebida como se fosse a recompensa determinada que se aguarda no fim da caminhada. Salvo melhor juízo, seria levado a pensar que, para Heráclito de Éfeso, a esperança, ontologicamente considerada, não é uma realidade empírica e determinada, alguma coisa objetiva e concreta que se recebe ou se deixa de receber depois que se lutou por ela, mas a esperança na sua natureza mais profunda é uma disposição interior capaz de dinamizar a vida, a qual nos leva a descortinar novos horizontes e a ir sempre adiante, enquanto durar nosso peregrinar pelas estradas do tempo.

Já se disse com muita sabedoria que *“Esperança não é esperar, é caminhar”*³. É neste contexto que o título: *“Caminhar é preciso!”*, que bem poderia ser o título desta conferência, encontra seu verdadeiro

3 —————
Frase tirada da Minissérie *Hoje é dia de Maria* exibida pela TV Globo em 2007.

sentido. Por mais obscuro que seja o seu modo de falar, o filósofo de Éfeso nos apresenta a esperança sob a forma de uma disposição *interior*, ou de uma *força psíquica*, ou ainda, de uma *energia espiritual* que sustenta o nosso desejo e a nossa capacidade de luta para fazer da vida uma experiência digna de ser vivida. Embora esse caminhar oriente-se na direção de um horizonte que nos chama e, ao mesmo tempo, nos transcende, ou se volte para algo que procuramos sem nunca poder alcançar plenamente, o que o élan da esperança sustenta é o próprio caminhar, pois é só na medida em que se caminha e se vai adiante que o esperado e o inesperado acontecem. Lembro a frase que li no início como epígrafe do trabalho: “A esperança é o horizonte. O desespero é o muro. E a vida é o horizonte além do muro”.

Essa leitura do Fragmento 18 de Heráclito de Éfeso que aqui proponho parece-me não estar distante daquela que dele fez o helenista Donald Schüler, quando escreveu: “*O caminho abre-se na espera, como se fecha ao que nada espera [...] Se o encontro com o esperado se consumasse, os caminhos*

se apagariam, secariam os rios em que navegamos e que nos atravessam, perderíamos sem recurso os seus cursos e dormiríamos embalados no silêncio das origens.”⁴

Mas voltemos ao filósofo de Éfeso e vejamos o que nos diz o Fragmento 27: “*Aguardam os mortais, ao morrerem, o que não esperam nem conjecturam*”. Novamente o seu discurso ilumina, de relance, a noite em que se esconde o mistério do após-morte, com um rápido clarão de noite de tempestade, mas este clarão logo se apaga. Com isso Heráclito queria dizer aos frequentadores do culto dos mistérios, que, para eles, era assegurada uma boa sorte na região dos mortos e que a esperança faz parte do número daquelas coisas que não podem ser figuradas pela imaginação nem representadas pelo pensamento.

No meu entender, nesse

4 _____
Donald Schüler.
Heráclito e seu (dis) curso. Porto Alegre: L&PM, 2000, pp.185-186.

Fragmento, o filósofo de Éfeso acrescenta que, quando se espera, aposta-se no escuro. Quem espera não pode representar o objeto de sua esperança, porque ele é irrepresentável. A Esperança, portanto, não é só um caminhar como nos ensinou o Fragmento 18, mas é caminhar na escuridão da noite, sem poder contar com a luz de uma estrela-guia. Esperar é caminhar, sim, mas é caminhar no escuro, vale dizer, é caminhar sem uma bússola que nos indique o caminho, sem garantias que nos tranquilizem a alma durante a caminhada.

Eu gostaria de ilustrar essa maneira heraclitiana de conceber a esperança como um caminhar e um caminhar dentro da noite, lembrando para os que já conhecem e narrando para quem ainda não conhece, a aventura de Guillaumet, piloto pioneiro do Correio Aéreo entre a Europa e as Américas, cuja façanha Antoine de Saint-Exupéry narrou no livro *Terra dos Homens*. Numa de suas travessias que, na época, eram muito perigosas, Guillaumet foi surpreendido por uma tempestade de neve, a qual derrubou seu pequeno avião e o deixou perdido nas montanhas dos Andes. Inteiramente só, como um naufrago no meio de um oceano de neve, ele não tinha nenhuma referência em que pudesse se apoiar para sair daquela situação de desamparo. Nenhuma estrela brilhava no céu para indicar-lhe o caminho da saída. Só lhe restava a estrela da esperança que ele trazia acesa dentro da alma.

Depois de quatro dias, caminhando sem saber para onde ir, o cansaço foi se tornando insuportável e sua vontade era desistir daquele caminhar inútil que não o levava a parte alguma e na medida em que as suas forças iam diminuindo, seu desejo era deitar, dormir e se perder num sono sem fim. Como se pode imaginar, a situação em que ele se encontrava era tão desesperadora que nem mesmo o instinto de conservação conseguia sustentar por mais tempo a sua vontade de luta.

Mas foi exatamente neste momento, quando ele já começava a ser dominado pela angústia do desespero, que a força da esperança o salvou. Ligado profundamente à sua mulher pelo pensamento e pelo coração, ele pensava nela e se dizia a si mesmo: *“Se ela pensa que estou vivo, ela acredita que estou caminhando.”* Esse pensamento reacendeu a chama da esperança na sua alma e lhe deu força e coragem para continuar caminhando mesmo sem saber para onde.

Dias depois, quando foi encontrado desfalecido, mas ainda com vida por uma equipe de resgate, ele confessou aos colegas

que o salvaram: “*Juro que o que eu fiz, animal algum conseguiria fazer*”, e revelou o segredo da sua força e capacidade de luta: “*O que me salvou foi ter tido a coragem de dar sempre um passo adiante, um passo a mais; o mesmo passo com que sempre se recomeça.*”⁵

Voltando ao filósofo de Éfeso, poder-se-ia dizer que esse foi o legado que ele nos deixou para uma abordagem filosófica da esperança. Uma vez que, para ele, não se pode encontrar o que se espera e não se pode representar o objeto da esperança, pois ele está além das nossas representações, é legítimo concluir que o segredo da esperança é caminhar, e caminhar no escuro, indo sempre adiante, quaisquer que sejam as dificuldades que se levantem nos caminhos de nossa vida.

Deixando a Grécia e dando um salto sobre 24 séculos da História do Pensamento Humano, vejamos, agora, como articular, nessa reflexão filosófica, os fragmentos de Heráclito de Éfeso ao que o filósofo do Ser Martin Heidegger escreve sobre a temporalidade humana, no contexto da Analítica existencial

do ser humano no seu livro *Ser e Tempo*.⁶

A ESPERANÇA NA DINÂMICA DA TEMPORALIDADE HUMANA

As reflexões sobre a esperança que os Fragmentos de Heráclito de Éfeso nos inspiraram encontram, como penso, uma fundamentação filosófica e ontológica naquilo que Heidegger ensina sobre o Homem, enquanto *poder-ser*, e sobre a temporalidade, enquanto constitutiva do Ser do Homem no Mundo. Enquanto *poder-ser*, o Homem não se define como uma essência, ou uma *quididade* objetiva, ou uma *realidade determinada*, mas como possibilidade, como um *poder-ser* (como um *Seinkönnen*) e é a *temporalidade* que torna possível esse *poder-ser*, pois ela é a condição de possibilidade da existência

5 _____
Antoine de Saint-Exupéry. *Terre des Hommes*. Paris: Gallimard, 1953, pp. 160-167.

6 _____
Martin Heidegger. *Sein und Zeit*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 2001. Tradução brasileira: *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

do homem no Mundo⁷. Enquanto tal, a temporalidade torna-se o horizonte da compreensão do ser, porquanto somente no tempo se pode encontrar um sentido para a existência humana.

Fazendo da temporalidade um elemento constitutivo do ser no Mundo, Heidegger modificou a concepção popular do tempo, para a qual o tempo se desenrolava fora de nós podendo ser por nós medido e programado. Neste contexto, o tempo se apresentava como uma sucessão linear de agoras e o presente, parcela do tempo que nos pertence, era o seu eixo de sustentação. Nesse contexto, o passado, já não mais nos pertence a não ser na lembrança e na saudade, pois como lamenta o poeta Antônio Machado: Ontem, é nunca mais. Da mesma forma, o futuro também *ainda não* nos pertence, a não ser no sonho e nas fantasias.

Heidegger modifica esse modo de conceber o tempo. Para ele, o tempo não é uma sucessão linear de *agoras*, pois o passado e o futuro estão mutuamente entrelaçados na dinâmica do tempo presente. O passado não pode nem deve ser definido como um *nunca*

mais, porquanto ele não perde nunca o *seu vigor de ter sido*. O que fomos não deixa de estar presente naquilo que somos. Heidegger, para designar essa presença do passado no presente, emprega o termo alemão *Gewesenheit*, que tem um sentido semântico muito expressivo, porquanto significa *o vigor de ter sido*, vale dizer, aquela força cujo vigor continua atuante ainda hoje, disso resultando um passado-presente.

O tempo presente também não se restringe a um simples agora. Na dinâmica da temporalidade humana, o presente é um instante do tempo em que se defrontam *as tendências reativas do passado e as tendências ativas e progressivas do futuro*. Novamente essa dialética entre tendências ativas e forças reativas é bem expressa na etimologia

7 _____
Cf. Benedito Nunes. *Heidegger & ser e tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 31.

da palavra alemã *Gegenwart*, pois nela temos a preposição *gegen*, que quer dizer contra e traduz as tendências que se opõem às mudanças que o presente quer fazer no passado e o verbo *warten*, que significa esperar e que ressalta as forças do presente, que se projetam para o que se espera depois, para o que está *por vir*. Desse modo, na dinâmica do tempo presente, concentram-se o *vigor do ter sido* (o passado) e o que *está por vir* (o futuro) e, na tensão dessas duas forças contrárias, forma-se o *instante da decisão*, mediante o qual o homem assume, ou recusa, o projeto existencial que o define como ser no mundo. E Heidegger adverte que, nessa decisão, o Homem ou se assume como projeto, ou se perde no anonimato de uma existência inautêntica.

Todavia, em última análise, o que decide da autenticidade, ou inautenticidade, da existência é o fato de o homem, ao se assumir como possibilidade, assumir também a

possibilidade da impossibilidade de todas as suas possibilidades, ou seja, assumir-se, como um *ser para a morte*. É a morte que dá à existência do ser humano seu sentido de totalidade. Ela é o *não mais* das possibilidades que nos definem como poder-ser, mas a este *não mais* opõe-se um *ainda não*, que é precisamente o tempo do possível, e, enquanto tal, o tempo da esperança.

Do que foi dito creio poder concluir que a esperança *é um elemento constitutivo do existir humano no tempo*, pois é ela que sustenta a abertura para o futuro do *poder-ser* que nós somos, e é ela que nutre a nossa capacidade de sonhar e de caminhar, sem o que viver seria “uma paixão inútil.”

SEGUNDA PARTE: RESSONÂNCIAS DO ESTUDO FILOSÓFI- CO DA ESPERANÇA SOBRE O CAMPO DA CLÍNICA

Vejam, agora, as principais ressonâncias dessas reflexões filosóficas sobre o trabalho do psicólogo clínico em geral e do psicanalista em particular. Se na abordagem filosófica, a esperança, enquanto abertura para o futuro e atualização das possibilidades de

nosso *poder-ser*, foi considerada um elemento fundamental da temporalidade constitutiva da existência do ser humano enquanto *Ser-no-mundo*, é compreensível que ela possa também ser considerada como um princípio constituinte do psiquismo.

Não falta quem diga que a Psicanálise não privilegia o futuro nem os ideais, pois se preocupa apenas com o passado do indivíduo. Para Freud, as vivências dos primeiros anos são decisivas para selar o destino de nossa doença ou de nossa saúde psíquica e o que somos, hoje, começou a ser construído por aquilo que fomos ontem e sobretudo por aquilo que vivemos em nossa infância.

Isso, por certo, é inegável, mas o que seremos amanhã dependerá de nossa capacidade de sonhar hoje. Ora, como vimos, é a esperança que sustenta nossa capacidade de sonhar, pois é ela que alimenta as nossas fantasias de desejo e cria os nossos projetos do amanhã. Uma coisa, porém, se faz necessária e é exatamente contra isso que nos adverte a psicanálise: é preciso não confundir os sonhos com as miragens.

Sustentados pela esperança, os sonhos não se desmancham em miragens. Nesse sentido, lembro de um provérbio alemão que traduz muito bem essa dialética do sonhar e do viver e muito nos ajuda a distinguir o sonho da miragem. Diz o provérbio: *Não sonhes a tua vida, vive o teu sonho. Sonhar a vida é vivê-la no engodo das ilusões sedutoras que nos*

aprisionam na inautenticidade da vida cotidiana, deixando de levar em consideração os limites e as frustrações que a realidade nos impõe, ao passo que *viver o sonho* é uma coisa totalmente diferente, pois é olhar o amanhã sem perder de vista o hoje, é ver o futuro sem perder contato com o presente, renovado pela força revigorante de um ter sido, que estrutura nosso existir, abrindo-o para a dádiva das ressignificações.

Portanto, viver o sonho é não se contentar apenas em sonhá-lo, mas é empenhar-se para realizá-lo desde o instante presente. Não sendo assim, todo amanhã tornar-se-á miragem, pois, “*vive-se agora ou não se vive nunca*”.⁸ Viver o sonho é viver a aventura de um grande ideal, sem o qual a vida vai se tornando aquilo que os gregos antigos diziam: uma vida sem vida – *um Bíos abiótos*.

A CLÍNICA E OS IDEAIS

Diz-se freqüentemente que o mundo contemporâneo é um mundo sem ideais porque nele vivemos entre as ilusões da Modernidade e as desilusões da Pós-Modernidade. As ilusões

da Modernidade foram criadas pela Razão que se tornou o eixo do universo simbólico da Idade Moderna, principalmente nos últimos séculos do milênio passado.

Refiro-me à Razão científica e à Razão técnica, que substituíram a Razão clássica dos antigos e dos medievais e determinaram na Modernidade não só as representações e os objetos do nosso pensar, mas também os fins do nosso agir. Transformador do mundo, o homem moderno tornou-se também o criador de si mesmo e de sua ética. Todavia, o projeto da Modernidade terminou voltando-se contra o próprio homem e a razão técnica nos impôs uma tremenda desilusão.

A Modernidade creditou-lhe uma confiança ilimitada, que se traduziu na esperança de um progresso sem limites, na crença em verdades absolutas, no fascínio de sistemas filosóficos e de ideologias salvadoras, pelas quais tantos sacrificaram suas vidas, vendo nelas o sentido mesmo da História.

Desde o momento em que o homem moderno, com o extraordinário poder da Ciência e da Técnica, tornou-se capaz de decidir

se a Humanidade terá um futuro, este deixou de representar uma mensagem de esperança e se tornou uma ameaça de destruição e causa de angústia e de desespero. Disse Hannah Arendt que nossos jovens vivem hoje na tremenda insegurança de poder não ter um futuro.⁹ Mas a questão decisiva é a seguinte: *Pode-se viver sem ideais?*

Freud certa vez se queixou dizendo: “porque destruimos as ilusões, acusam-nos de colocarmos em perigo os ideais.”¹⁰ No entanto, é preciso reconhecer que ele não se deteve no estudo desses ideais.¹¹ Enquanto *mestre da suspeita*, ele empenhou-se, de preferência, na discussão do processo da constituição psíquica das idealizações que podem comprometer a construção da subjetividade. No registro das idealizações, os ideais

8 _____
Daniel Lima. Perdidos e Achados. In Zeferino Rocha. *Palavras para o Silêncio*. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1998, p.251.

facilmente se tornam ilusões que não resistem à prova da realidade. E isso acontece pelo fato de não se levar em conta a devida distinção que a metapsicologia freudiana faz entre o *Ego ideal* e o *Ideal do ego*.

Não sendo este o momento oportuno para um estudo mais detalhado da questão dos ideais, direi apenas que o Ego ideal é uma instância psíquica pré-edípica de natureza narcísica, inteiramente constituída no registro imaginário, tendo como modelo a onipotência das figuras parentais. Quando é inteiramente investida no ego, a libido produz a ilusória sensação de plenitude, na qual não há lugar para a falta nem para o desejo. O Ideal do ego, pelo contrário, enquanto instância pós-edípica, supõe a renúncia a essas ambições fálicas do desejo, ou seja, supõe o que em psicanálise se chama de castração simbólica, indispensável para que se instalem as relações verdadeiramente intersubjetivas. Ele oferece ao sujeito um modelo de identificação, sem o qual dificilmente este assumiria sua identidade de sujeito.

Quando se trata das idealizações fundadas na crença ilusória de uma plenitude narcísica, é evidente

que não se pode falar em esperança, pois onde há plenitude, mesmo ilusória, não há lugar para a falta, nem para o desejo e somente onde há falta e onde há desejo, descortinam-se horizontes para a esperança. Ao contrário, os ideais, enquanto projetos do Ideal do ego, em vez de fechá-lo em uma ilusória plenitude narcísica como fazem as idealizações do Ego ideal, tornam possível, através da sublimação e da capacidade criativa do Eu, a abertura de novos horizontes e de novos investimentos objetivos e quando novos horizontes se descortinam há sempre lugar para a esperança, pois ela vive de horizontes.

Por isso, são desastrosas as conseqüências terapêuticas, quando se instala o que Winnicott chamou de *desesperança congênita*, aquela que resulta da ausência de

9 _____
Hannah Arendt.
Sobre a Violência.
Rio de Janeiro: Re-
lume-Dumara,
1994, p. 22.

10 _____
“ [...] weil wir
Illusionem zers-
tören, wirft man
uns vor, dass wir
die Ideale in Ge-
fahr bringen.“
Sigmund Freud.
*Die zukünftigen
Chancen der psy-
choanalytischen
Psycho-therapie*.
(1910/1982). Stu-
dienausgabe (SA).
Ergänzungsband,
p.129. Standard
Brasileira. Vol.XI,
p.132.

11 _____
Carmen Da Poian.
O desamparo e a
questão dos ide-
ais. In: *Cadernos de
Psicanálise*. CPRJ.
Anio XX, N;12.
1998, pp.133-140.

um ambiente favorável, quando da relação do bebê com os objetos primários. Sem este ambiente favorável, nenhuma estruturação da vida psíquica é possível. A ausência dessa *esperança fundamental* cria sérias dificuldades para o trabalho clínico com pacientes difíceis, tais os borderlines, os pacientes com um *falso self* e os narcisistas, “pacientes impacientes que não sabem nem podem esperar e vivem angústias desesperadas.”¹²

A angústia provocada pela desesperança é aterrorizadora porque está impregnada pela ameaça da destruição e da morte e se manifesta clinicamente *nas passagens a ato, na fúria dos pacientes narcisistas, nas reparações exaltadas dos maníacos*, ela também pode caracterizar, fora do quadro psicopatológico, *uma posição de indiferença e de egoísmo ou de insensibilidade ao sofrimento alheio*. Que isto nos baste para mostrar o lugar de destaque que tem a esperança no trabalho clínico.

PALAVRAS FINAIS

Concluindo, eu gostaria de dizer que à luz do que nos ensinaram

as reflexões filosóficas de Heráclito de Éfeso e de Martin Heidegger nossa existência, nas coordenadas da temporalidade que a define como um poder-ser, é marcada pela dialética de um *ainda-não* que é o tempo de nossas possibilidades e de um *nunca-mais* que encerra o tempo dessas possibilidades. No tempo das possibilidades, o homem, como o pássaro, é convidado a sobrevoar o abismo que o chama e aceitará o desafio de voar sempre descortinando novos espaços e descobrindo novos horizontes. Mas, como diz o poeta, “a asa partida deterá para sempre o vôo do pássaro”, pois “a morte é mais veloz do que sua asa e chega sempre à frente de seu voo”.¹³

Mas enquanto ela não chega ao não-mais das possibilidades opor-se-á o tempo do *ainda-não*,

12 _____
Luís Cláudio Figueiredo. O paciente sem esperança e a recusa da utopia. In: *Psicanálise. Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003, p.166.

que é precisamente o tempo do possível. Ora, é precisamente esse *ainda-não* enquanto *tempo da esperança* que nos revela uma dimensão essencial de nossa natureza de *Homo viator*, vale dizer, de um ser que está sempre em viagem, de uma alma viajeira. Enquanto *Homo viator*, o homem é um peregrino e seus pés não se cansam de criar novos caminhos, pois seu destino é caminhar.

Por isso, no fim de cada etapa de sua grande viagem, ele está sempre partindo para novas experiências e para novas aventuras. E mais uma vez vou pedir ao meu amigo Daniel Lima,

filósofo e poeta, para que, na magia da palavra poética, ele nos descreva a beleza desta alma viajeira. Não poderia desejar melhor conclusão para nossas reflexões sobre a esperança:

Aonde irás ter, perguntas,
se de novo tiveres de seguir outros caminhos
no fim desses caminhos já seguidos?

Aonde irás ter?

Que adianta perguntares, agora, alma viajeira?
Não o saberias nunca.
A estrada chama, a alma chama,
os pés chamam, a vida chama.
Andar, sair, caminhar sempre,
é isto o que tens a fazer, eterno peregrino,
e é o que sempre em agonia vens fazendo
na insatisfeita busca de ti mesmo.

Vai, pois, sem nem saber aonde caminhas.
Anda sem de roteiros indagares,
que o mistério da vida, que a beleza da vida
só se dá, gratuita e plena,
a quem, andando sempre, ama a viagem,
porque a viagem é a estrada
e a estrada é a Vida.¹⁴

13 _____
Daniel Lima, *O vôo do pássaro*. Poema cedido pelo autor.

14 _____
Daniel Lima. *Alma viajeira*. Poema inédito, cedido pelo autor.